

Uma mesma história pode ser contada de muitas formas. José Maurício Gonçalves escolheu o Jornalismo para conversar com o leitor sobre o mundo – e sobre os mundos que habitam Alagoas.

Alagoas que se escancara de modo explícito nesta compilação de 14 reportagens, publicadas originalmente entre os meses de janeiro de 2009 e junho de 2013 no jornal Gazeta de Alagoas.

No país das contradições, Alagoas é o cúmulo. Píncaro do paradoxo. Beleza e injustiça de mãos dadas. Crise conjugal inimaginável, infundável. Terra de extremos, Alagoas.

José Maurício encara o desafio de percorrer as trilhas desta terra – do sertão aos grotes – determinado a descrever instantâneos do lugar, das pessoas e de suas relações em episódios particulares que reescrevem a trajetória do Estado. O resultado de suas imersões em rondas investigativas por veredas e vielas permitiu a confecção de verdadeiros documentos para a compreensão de alguns capítulos recentes da história de Alagoas.

A capa desenhada por Wado – que também navega pelas ondas do desenho em paralelo às ondas musicais – sintoniza o clima geral da obra e realça uma antítese de cartão postal antes mesmo de ser aberta a primeira página.

Amparado pela confiança de Célio Gomes, editor-geral que acreditava no talento do repórter, o espaço dado pelo periódico foi generoso. José Maurício teve a liberdade de construir narrativas ao seu estilo. Um perigo quando o assunto é jornalismo. Embora o papo aqui não seja romance, o traquejo do autor não se limita

dos entre o instinto e a sabedoria. A cada capítulo do livro, a certeza de que o jornalista dispensou regras engessadas ao passo que preservou as necessárias para comunicar melhor o que viu e ouviu em mais de duas décadas de uma premiada atuação profissional. Em suma, o escriba soube se livrar das armadilhas e das tentações na hora de “se colocar” no texto. Um repórter que utiliza a primeira pessoa sem culpa, mas com prudência.

Se fosse mergulhador, ele bateria recordes de apnéia vi- de o fôlego, parágrafo a parágrafo, de reportagens realmente especiais: da qualidade à extensão. Os relatos “quilométricos” não jogam palavra fora. Cada linha revela um ca-

so, atenta a um episódio, traz um dado. Nada é gratuito.

Com imagens e sentidos, os textos vão além da descrição, atacam a reflexão e, consequentemente, exigem um posicionamento do leitor. Assim, o repórter cumpre uma das missões fundamentais do jornalismo: estimular o pensamento crítico.

Nesta hora, salta um explícito Dom Quixote cuja armadura é composta por determinação e cautela, sublinhe-se. Afinal, os perigos da opinião são constantes quando carregamos a obstinação de atuar em favor do ser humano. O jornalista, como parece saber bem o repórter em questão, deve atuar em favor do fato.

Quando formatada em livro, uma compilação de (excelentes) reportagens se torna um produto híbrido de alcance ampliado. Neste caso, além de alunos, pesquisadores, professores de Jornalismo e Comunicação Social e dos colegas de profissão, o leitor comum e o exigente apreciador da literatura encontrarão uma fonte de informações que oferece precisão e estilo.

Vejamos a boa sacada de um parágrafo da reportagem Os Sem-Tudo, na qual colheu as dificuldades por quais passam pessoas desassistidas em diversos pontos da periferia de Maceió. Ao narrar a situação das crianças que convivem em meio à marginalidade nas ruas dos bairros da orla lagunar da cidade, escreveu: “Bolas de gude e pedras de crack passam de mão em mão”.

Ao falar dos “sem-saúde”, na Grota do Moreira, o repórter escreveu assim: “O relevo é um acidente geográfico, a grota está abaixo da base da pirâmide social. E os sem-saúde vi-

A busca incessante pelo estilo não compromete a informação, mas pode causar excessos, como nos trocadilhos sucessivos na abertura da reportagem Hospitais em Coma. Nela, a construção do texto utiliza com constância termos relacionados ao tema.

“O coração do Sistema Único de Saúde (SUS) nunca bombeou sangue suficiente para a sanidade financeira de hospitais no interior. Há décadas, os infartos gerados pela falta de estrutura, de médicos e de equipamentos proliferam como uma peste. A corrupção e

POR FERNANDO COELHO *

TERRA DE EXTREMOS

Em *Histórias de Alagoas – Um Pedacoço do Brasil* (Viva Editora), José Maurício Gonçalves compila reportagens especiais que revelam o drama, a comédia e a tragédia de personagens e situações encontradas no estado com o cenário social mais controverso do País. Com capa ilustrada por Wado, o livro já realça uma antítese de cartão postal antes mesmo de ser aberta a primeira página...

HISTÓRIAS DE ALAGOAS

Um pedacoço do Brasil



José Maurício Gonçalves

viva

Serviço

Histórias de Alagoas – Um pedacoço do Brasil é o segundo livro de José Maurício Gonçalves e será lançado no encerramento do Bimil do Livro da Ebital, neste domingo, dia 3, no estande da Viva Editora, no Centro de Convenções, em Jaraquá. A obra é um lançamento da Gazeta de Alagoas, com apoio cultural da Organização Arnon de Mello

o desvio de recursos atacam direto na jugular, fazendo sangrar um paciente que também sofre com o desperdício de recursos provocado pela incompetência e pela burocracia”.

E o que dizer de um verdadeiro caos, em que o principal personagem é um buraco? Uma cratera que surgiu numa rua bairro da Pajuçara foi protagonista de uma narrativa excepcional. Ao observar o trânsito que a fenda causava no trânsito, recorreu à inabilidade emocional dos motoristas. “Dois condutores postam os automóveis frente a frente, como cavalos prestes a travar um duelo medieval. Ao invés de riscar as patas no chão, pisam os faróis. No lugar de clareiras, buzinas. Filas começam a se formar nas duas mãos, enquanto os cabeçudos não chegam a um entendimento civilizado”.

daquele que amedronta ou daquele que enfurece. Do usuário de drogas ao político corrupto, do comerciante batalhador ao lavrador calejado, do anônimo nas ruas ao artista em momento de glória – todos são ouvidos com a mesma paixão e com a mesma honestidade na transmissão de seus relatos.

Quando a pegada é leve, o que ele também saber relatar, saem sacadas deliciosas, como o texto sobre o Restaurante Popular que vende refeições aos preços extremamente acessíveis. De tão gostoso, o relato sobre o bandeirão dá até fome e vontade de comer.

O repórter é daqueles que experimenta, sente na pele – e neste caso no paladar – o assunto ao qual está por tratar. O tabu (utópico) da isenção é quebrado para revelar como se deve fazer o ofício jornalístico.

lismo investigativo. Nela, para apurar a denúncia da venda irregular de lotes para a reforma agrária, o jornalista passou quase um mês numa investigação que terminou com ele próprio a conseguir comprar um lote de um terreno. A reportagem desmascarou uma máfia que negociava terras de modo irregular e levou à investigação criminal por parte da Controladoria Geral da União (CGU), da Polícia Federal (PF) e da Procuradoria Geral da República.

Do sertão ao subúrbio da capital – das usinas e fazendas aos acampamentos sem-terra, dos condomínios de alto luxo às grotas sem nome, a atuação do jornalista José Maurício Gonçalves se tornou exemplo – agora em nova materialização editorial – para nos fazer enxergar e entender a Alagoas em que vivemos, este pe-